



ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

O PAPEL DA MULHER EM *MEMORIAL DO CONVENTO*, DE JOSÉ SARAMAGO

Uma narrativa histórica: a riqueza e a pobreza

O romance *Memorial do Convento*, de José Saramago, representa uma investida no campo da narrativa histórica. A obra percorre um período de aproximadamente 30 anos na história de Portugal durante a época da Inquisição. O autor critica Portugal que submetia o povo à exploração e à miséria, apesar da riqueza fecunda do país. As suas personagens estão divididas entre a sofisticação da Corte e a simplicidade da vida popular. Nestes dois grupos distintos, José Saramago trata as personagens femininas de forma especial, mostrando os seus diferentes comportamentos.

Duas mulheres: duas formas diferentes de ver a vida

Através da personagem chamada Blimunda e por meio da sua capacidade extraordinária de ver o que realmente há no mundo, o narrador pode olhar por dentro da história do século XVIII e enxergar verdadeiramente os deslizes religiosos e morais mostrando a corrupção da Igreja, os excessos da nobreza, bem como o investimento caríssimo de D. João V na construção do Convento de Mafra, a acção da Inquisição, instalada em Portugal para atender os interesses da Coroa, visando o seu enriquecimento através dos bens tomados aos judeus e a imagem verdadeira de uma sociedade que escondia suas fragilidades: a sujeira, as doenças e, sobretudo as grandes diferenças sociais.

D. Maria Ana Josefa – a rainha triste e insatisfeita

A personagem D. Maria Ana é apresentada como uma rainha triste e insatisfeita que vive um casamento de aparências, onde as regras e as formalidades se estendem até o leito conjugal, fazendo do acto de amor com el-rei um encontro frio, programado e indiferente, que tem como maior objectivo o milagre da fecundação. É sobretudo este aspecto que leva el-rei D. João V a fazer uma promessa de levantar um convento em Mafra, caso a concepção ocorresse.

"Dona Maria Ana estende ao rei a mãozinha suada e fria, que mesmo tendo aquecido debaixo do cobertor logo arrefece ao ar gélido do quarto, e el-rei, que já cumpriu o seu dever, e tudo espera do convencimento e criativo esforço com que o cumpriu, beija-lhe como a rainha e futura mãe, se não presumiu demasiado frei António de São José."

Essa carência deixa à rainha somente a possibilidade de realizar os seus desejos através dos sonhos nocturnos que tem com o seu cunhado. E é também por essas fraquezas e por se sentir

culpada, que ela procura, através da oração constante, redimir-se.

"Porém, Vossa Majestade sonha comigo quase todas as noites, que eu bem no sei, É verdade que sonho, são fraquezas de mulher guardadas no meu coração."

E, assim, D. Maria Ana vive pressionada pela responsabilidade de dar herdeiros ao marido, já que a culpa de tal ainda não ter acontecido é dela, pois a esterilidade como o narrador lembra ironicamente, não é problema dos homens... aliás, o que se vê na Corte é um número considerável de bastardos, o que prova a virilidade do rei. Nesse ambiente onde as proibições e as repressões ditadas pela Igreja e pelo Estado interferem directamente no comportamento das personagens, pois a elas é proibida qualquer atitude que fuja aos padrões do modelo de família exigidos pela sociedade. No meio do luxo e da riqueza D. Maria Ana vai acumulando dentro de si uma sensualidade que não pode explorar, já que seus encontros sexuais com el-rei representam unicamente o cumprimento do dever conjugal. A ela cabe, como a todas as esposas, unicamente, a passividade da vida.

Blimunda: a simplicidade e o amor verdadeiro

Mas à personagem feminina Blimunda, José Saramago dá características fortes de sensualidade e de inteligência. Através de Blimunda, o autor trata as grandes dúvidas e as grandes inquietações do ser humano em relação à morte, ao amor, ao pecado e à existência de Deus. Ela representa a vida do povo. Blimunda é verdadeira, sem subterfúgios, mulher de poderes sobrenaturais, cuja mãe, Sebastiana Maria de Jesus, por ter poderes semelhantes, é vista como feiticeira e por isso é banida para Angola depois de ser salva do fogo da Inquisição.

Blimunda vive de forma livre num mundo onde não há regras nem formalidades que a escravizem. Ela é o oposto da rainha que vive num mundo diferente. Um mundo em que recebe do padre seu confessor ensinamentos para resignar-se com as traições do marido, inclusive aquelas cometidas com as freiras nos mosteiros, a quem ele "emprenhava" uma após outra.

Blimunda é o que é. Apesar da vida simples e muito pobre é-lhe dado o direito ao amor, à liberdade e à felicidade.

Blimunda Sete-Luas e Baltasar Sete-Sóis: um amor para sempre

O encontro de Blimunda com Baltasar Sete-Sóis, um soldado que perdeu a mão esquerda na guerra de sucessão pelo trono espanhol, acontece durante uma procissão de um auto-de-fé,

espectáculo da Inquisição, onde a mãe de Blimunda iria ser condenada a oito anos de degredo no reino de Angola.

A sensibilidade à flor da pele leva essas duas mulheres, mãe e filha, a comunicarem-se mentalmente, já que não se podem aproximar uma da outra. As visões de Sebastiana indicam que aquele homem maneta que ela vê, seria o verdadeiro companheiro da sua filha, por isso inspira Blimunda a perguntar ao desconhecido *"Que nome é o teu?"*. Blimunda obedece à ordem mental da sua mãe que contribui, dessa forma, para que a relação de união e de paixão únicas, comece naquele momento.

"Por que foi que perguntaste o meu nome, e Blimunda respondeu, Porque minha mãe o quis saber e queria que eu o soubesse, Como sabes, se com ela não pudeste falar, Sei que sei, não sei como Sei, não faças perguntas a que não posso responder, faz como fizeste, Viente e não perguntaste porquê."

A profundidade e a expressividade do olhar de Blimunda perturbam e encantam Baltasar. A atração entre os dois é inevitável a partir desse momento e até ao final.

"Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, está calado, apenas olha fixamente Blimunda, e de cada vez que ela o olha a ele sente um aperto na boca do estômago, porque olhos como estes nunca se viram, claros de cinzento, ou verde, ou azul, que com a luz de fora variam ou o pensamento de dentro, e às vezes tornam-se negros nocturnos ou brancos brilhantes como lasca de carvão de pedra."

"(...) mas agora só tem olhos para os olhos de Blimunda, ou para o corpo dela, que é alto e delgado como a inglesa que acordado sonhou no preciso dia em que desembarcou em Lisboa."

Blimunda, com o seu olhar de mistério, envolve Baltasar, que, logo no início, percebe estar diante de uma mulher muito especial, alguém que pode ver muito além do que os olhos podem alcançar.

"Olhaste-me por dentro, Juro que nunca te olharei por dentro, Juras que não o farás e já o fizeste."

Blimunda permite-se estar com Baltasar sem perguntas e sem porquês. A sua pureza é entregue a ele, por amor, da forma mais simples e mais apaixonada, sem compromisso, sem culpas. A sua capacidade de ver por dentro deixa-a certa de que com aquele homem dividirá toda uma vida sem problemas.

"Apesar de sentir-se encantado por ela, Baltasar na sua simplicidade não consegue entendê-la. A magia que envolve Blimunda deixa-o curioso. Uma mulher que come pão ao acordar, antes de abrir os olhos, porquê? Ele procura respostas em alguém inteligente e estudioso, como o Padre

Bartolomeu de Gusmão, conhecido como " o Voador ". Mas este apenas declara: Só te direi que se trata de um grande mistério, Voar é uma coisa simples comparado com Blimunda."

“Ver por dentro”

A cumplicidade e a fidelidade entre Blimunda e Baltasar faz com que ela o confesse:

" Eu posso olhar por dentro das pessoas ".

Ela que só tem tais poderes se estiver em jejum, por isso come antes de abrir os olhos. Daí Blimunda, numa atitude amorosa e protectora poupar Baltasar e a ela mesma quando promete que nunca o verá por dentro. Blimunda é inteligente e conhece as diferenças entre ela e a mãe no tocante às visões que ambas possuem.

"O meu dom não é heresia, nem é feitiçaria, os meus olhos são naturais."

Diferentemente de Sebastiana, que tem poderes sobrenaturais, Blimunda não vê o futuro, ela só vê o que está no mundo. Vê tudo aquilo que está dentro dos corpos, no interior da terra, por debaixo da pele. Na sua singular sabedoria, Blimunda reconhece que não vê a alma, talvez porque esta não esteja dentro do corpo. Diante da incredulidade de Baltasar, os poderes de Blimunda fazem-na ver:

- um filho na barriga de uma mulher, cujo cordão umbilical está enrolado no pescoço;
- uma pessoa com o estômago vazio;
- um frade que leva nas tripas uma bicha solitária;
- uma moeda de prata que é reconhecida por Baltasar como moeda de ouro, ao fazer um buraco no lugar indicado por ela.

Na sua simplicidade, ela declara que confunde ouro com prata. Blimunda não se deixa envaidecer pelos poderes que possui, pelo contrário, prefere a naturalidade da vida, prefere ter o seu homem sem nunca o querer olhar por dentro.

"Baltasar, leva-me para casa, dá-me de comer e deita-te comigo, Porque aqui adiante de ti não te posso ver, e eu não te quero ver por dentro, só quero olhar para ti, cara escura e barbada, olhos cansados, boca que é tão triste, mesmo quando estás ao meu lado deitado e me queres(...)"

Convite do autor ao leitor para uma reflexão profunda

O romance *Memorial do Convento* faz-nos analisar o quanto a capacidade de ver verdadeiramente as coisas estão distantes de nós, porque na verdade, só vemos o que nos

interessa, o que nós queremos. Blimunda era especial. Ela podia ver o que as pessoas comuns não podem ver: **a essência, a verdade das coisas**. E isso consiste em ver também o que é desagradável, o que é sujo e triste, o que todos nós preferimos não ver.

A metáfora da "nuvem fechada"

A ela não importavam os conceitos pré-estabelecidos, os dogmas, os ensinamentos recebidos. Ela questiona os santos, não consegue conceber santidade em pessoas comuns. Fica surpreendida quando, em jejum, não consegue ver Deus na hóstia. O que vê é uma **nuvem fechada**, ou seja, o mesmo que vê dentro dos seres humanos. Não entende essa religião cristã que prega a divindade e a glória de Deus através de símbolos como a hóstia e as estátuas dos santos.

Blimunda tem convicções sobre o pecado, a vida e a morte, que são diferentes do pensamento da maioria das pessoas comuns. Ela vê além, muito além das pobres crenças restritas que são praticadas pelos outros. Blimunda e Baltasar cometem pecados de luxúria, são concubinos, vivem em casamento sem serem sacramentados pela Igreja. Eles preferiram outro sacramento: a cruz e o sinal feito por ela com o sangue da virgindade quando estavam no primeiro momento de amor.

Uma espécie de ritual de sangue, onde os dois se "casam", desafiando as normas da religião. E, com firmeza, ela diz:

"Não tenho pecados a confessar."

O Padre Bartolomeu de Gusmão, a construção da passarola e a Inquisição

A atitude de transgredir os valores religiosos leva o autor a envolver Blimunda e Baltasar no projecto de construção da passarola, um sonho pessoal do Padre Bartolomeu de Gusmão, chamado de **O Voador**. O Padre com a autorização e ajuda do rei vai ocupar-se na construção de uma máquina que pudesse voar. Para convencer Baltasar a ajudá-lo, já que este se considerava incapaz, em consequência da deficiência física: a falta da mão esquerda, o Padre blasfemando contra os princípios religiosos declara a Baltasar, deixando-o assustado, que Deus também é maneta e foi capaz de criar o universo.

"Que está a dizer, Padre Bartolomeu, onde é que se escreveu Que Deus é maneta. Ninguém escreveu: não está escrito, só eu digo que Deus não tem a mão esquerda, porque é à sua direita, que se sentam os eleitos, não se fala nunca da mão esquerda de Deus."

Saramago transforma o Padre Bartolomeu num grande "pecador" aos olhos do século XVIII, pelo orgulho e pela ambição ao desejar levantar uma máquina aos céus, onde apenas Cristo, a Virgem Maria e outros santos subiram. Que seria do Padre se as autoridades da Igreja o encontrassem na companhia de um maneta e de uma feiticeira construindo uma passarola?

Blimunda toma parte na construção da máquina acompanhando Baltasar. Ela inspecciona a obra e quando está em jejum vê defeitos, rachaduras, coisas que as outras personagens não podem ver.

"Este ferro não serve, tem uma racha por dentro. Como é que sabes, Foi Blimunda que viu, o Padre virou-se para ela, sorriu, olhou um e olhou outro, e declarou, Tu és Sete-Sóis porque vês, às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras."

Blimunda e a "recolha das vontades"

Mas a grande missão de Blimunda no projecto da construção da passarola é usar o poder que possui, a pedido do Padre Bartolomeu, para **recolher as vontades** que se separam das pessoas que estão próximas da morte, não as deixar perder ou subir às estrelas. Era preciso guardá-las para que depois de armazenadas num frasco pudessem possibilitar a subida da máquina aos céus. A capacidade de Blimunda em ver por dentro das pessoas tem um papel muito importante na história deste romance de Saramago, pois propicia a concretização do sonho de voar do Padre Bartolomeu.

Mas o principal objectivo do narrador é *desconstruir* os conceitos religiosos no que se refere à existência do espírito, negando que este suba aos céus após a morte do corpo, já que Blimunda era capaz de segurá-los ainda em terra.

A certeza de Blimunda de que poderia fazê-lo estende-se ao momento mais triste no final do romance, quando após nove anos de incansável procura por Baltasar depois de este ter desaparecido, ela encontra-o em circunstâncias trágicas, pronto para ser queimado na fogueira condenado pelo poder da Igreja. Também nesse momento, contrariando o que havia prometido anteriormente que era de não o ver por dentro.

Assim, no momento final da obra, e de uma forma bastante tocante para nós leitores, Blimunda vê uma nuvem negra dentro de Baltasar e não permite que a vontade dele suba aos céus, chamando-a para si.

Explicação da simbologia da personagem Blimunda

A personagem Blimunda é usada pelo autor para mostrar suas incredulidades em relação ao clero, à nobreza, aos falsos conceitos morais da época (e não só!). E é usando esta constante ironia que ele revê todo o passado inquisitório de Portugal, chamando a atenção para esses factos marcantes.

Blimunda descobre novos valores que ultrapassam os limites da época, através de questionamentos e incertezas que ela possui. Ela está à frente do seu tempo e isso possibilita ao autor falar, pensar e reflectir através da personagem sobre tudo aquilo que o incomoda. Ele dá força, autoridade e posição de destaque às pessoas mais comuns do povo. Os que não tinham voz e os que eram oprimidos permitindo que o povo tenha poder quando dá a Blimunda a capacidade de *recolher as vontades* dos homens.

E o que é mais importante no romance e que nos leva à reflexão, através de Blimunda, é a importância de olharmos e vermos o mundo de forma verdadeira, sem máscaras, sem hipocrisia e isso só é permitido às pessoas sensíveis, àquelas que entendem que nem sempre ter olhos é saber ver. É, portanto, pertinente recordar que:

"Usa cada qual os olhos que tem para ver o que pode ou lhe consentem, ou apenas parte pequena do que desejaría."

Uma proposta de leitura de “Memorial do Convento”

E assim, revendo o passado com o olhar crítico da actualidade, José Saramago convida-nos, a nós leitores, a questionar o sentido das coisas, das nossas vidas, não nos deixando submeter-nos passivamente aos modelos de comportamentos sociais que nos são impostos, mas sim questionar valores verdadeiros de amor. Para Saramago, a verdade não está com os mais ricos e poderosos nem com a Igreja, muito menos com o Santo Ofício. Mas se há verdade, ela só pode estar do lado dos mais simples, dos que têm o coração puro e livre.

É preciso vencer a cegueira e viver intensamente.

Lousada, 4 de Outubro de 2005